

Apresentação

Este número de *Lutas Sociais* se volta para dimensões importantíssimas das relações de classe, raça/etnia e gênero, dimensões cujas especificidades merecem estudos apurados que favoreçam a apreensão de suas múltiplas e contraditórias conexões. É este propósito, para além do corporativismo segmentário e do universalismo ocidental, que se expressa no dossiê *130 Anos da Abolição – O cativo acabou?* Há poucas semanas, a voz da trabalhadora negra Marielle Franco foi silenciada e a pergunta ecoa outra vez: *O cativo acabou?* Ou este emaranhado macabro de fios invisíveis e velhas correntes sustenta explorações e opressões no novo século?

O retorno ao centenário da Abolição é feito por Renata Gonçalves, que recupera debates realizados há trinta anos antes e durante o I Encontro Nacional de Mulheres Negras, que consolidou um novo movimento social consciente das três contradições que, entrelaçadas, estruturam a sociedade contemporânea: patriarcado, capitalismo e racismo. Bárbara Araújo Machado destaca a importância de algumas contribuições da teoria marxista da reprodução social para uma interlocução com o feminismo negro em torno do conhecimento da articulação de racismo, (hetero)sexismo e capitalismo e de como combatê-la na perspectiva dos grupos subalternos. Flávia Rios, Olívia Perez e Arlene Ricoldi examinam os nexos entre a interseccionalidade enquanto categoria analítica e sua importância política e social. Apresentam três pesquisas que destacam a presença de uma nova geração de ativismo cuja linguagem contenciosa torna mais visível as articulações de feminismo e antirracismo, de modo a tornar mais visíveis as múltiplas formas de opressão.

Bruna Santana, Everto Silva e Yanne Angelim fazem uma análise crítica do papel da mídia na construção de estereótipos sobre o(a)s negro(a)s na formação social brasileira. Diogo Joaquim dos Santos examina os argumentos “multiculturalistas” de interpretação do racismo brasileiro, os quais, ao contrário de superar, confirmam alguns pressupostos básicos do mito da democracia racial. Yasmeen Pereira da Cunha e Miguel d’Abadia Ramos Jubé Júnior, com o objetivo de evidenciar como a forma estética de três poemas de Raul Bopp, Diamba, Mucama e Favela n. 2, publicados em *Urucungo* (1932), representa o processo social desde a escravidão do negro até a sociedade capitalista, examinam a relação entre forma literária e conteúdo social principalmente na configuração do sujeito lírico.

Janailson Macêdo Luiz tenta contribuir para o estudo da atuação de negros em movimentos brasileiros de esquerda, especialmente os que recorreram à luta armada. Neste número, analisa a trajetória de Manoel Chaves, negro, de origem camponesa e participante de várias lutas, como a Aliança Nacional Libertadora; a militância no PCB, e após a cisão de 1962, no PCdoB; e a Guerrilha do Araguaia, quando foi morto, já sexagenário.

Os primeiros passos de uma luta desencadeada nos EUA a partir da notícia de que policiais brancos saíram impunes do assassinato de dois homens negros são retomados por Keeanga-Yamahtta Taylor. Foi o surgimento, ou melhor, a produção coletiva, do *Black Lives Matter*. Outro movimento estadunidense é abordado por Jules Falquet: *Black Feminist* ou *Feminismo Negro*, que surgiu no final dos anos sessenta, mas ficou desconhecido por muito tempo. Suas ações pioneiras e suas reflexões sobre a imbricação das relações de sexo, raça e classe são importantíssimas para as lutas sociais de hoje.

Ainda sobre o tema do dossiê apresentamos, na sessão *Documento*, o Manifesto do Coletivo Combahee River, um grupo feminista negro sediado em Boston, cujo nome do grupo se inspira na ação guerrilheira dirigida por Harriet Tubman, que libertou, em 2 de junho de 1863, na região de Port Royal, Carolina do Sul, mais de 750 escravos. Foi a única ação militar dirigida e planejada por uma mulher na história dos EUA.

O primeiro artigo fora do dossiê, “Desvendando Heleieth Saffioti”, explora e explica o pioneirismo desta pesquisadora, cuja obra, ao destacar o *nó* constituído por gênero, raça e classe, pode ser situada no campo de estudos interseccionais. Em “A categoria de trabalho em Marx segundo Althusser”, Rodrigo Vieira analisa como o autor de *Ler O Capital* examina a presença desta categoria no pensamento de Marx e a contrapõe à interpretação humanista. No último artigo, “Partido dos Trabalhadores: do poder das bases ao verticalismo”, Marcos Todt aborda um tema polêmico e indispensável para o debate político atual, dentro e fora do Brasil: a trajetória das relações entre base e direções no Partido dos Trabalhadores.

Em sintonia com os artigos deste número, Weber Lopes Góes apresenta a resenha de *Frantz Fanon: um revolucionário particularmente negro*, de Deivison Faustino. E Brenda Barbosa, ao resenhar *Quem tem medo do feminismo negro*, de Djamila Ribeiro, tece algumas considerações para destemper o feminismo negro e suas intelectuais.

Esta é a pagada de *Lutas Sociais*, revista crítica e plural que, desde seu primeiro número, duas décadas atrás, aprecia a avaliação do(a)s leitore(a)s.

Lúcio Flávio Rodrigues de Almeida
Editor